



GT 17. Antropologias da paisagem

Coordenador(es):

Thiago Mota Cardoso (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

Pedro Castelo Branco Silveira (Fundaj)

Sessão 1 - HABITAR PAISAGENS

Debatedor/a: Emmanuel Duarte Almada (UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais)

Sessão 2 - COSMOPOLÍTICA DAS PAISAGENS E MODOS DE RESISTÊNCIA

Debatedor/a: Rafael Palermo Buti (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Sessão 3 - PAISAGENS NO/DO ANTROPOCENO

Debatedor/a: Karine Lopes Narahara (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Paisagem é uma categoria que tradicionalmente ganhou pouco destaque nas discussões antropológicas, geralmente compreendida a partir de suas dimensões estéticas e representacionais, especialmente aquelas relacionadas ao campo visual. Recentemente, abordagens processuais das paisagens tem ganhado força a partir, por um lado, do questionamento das fronteiras entre natureza e cultura, com autores contemporâneos como Philippe Descola, Tim Ingold e Anna Tsing e, por outro lado, com abordagens que incluem a dimensão da ecologia política e do reconhecimento público de paisagens como patrimônio imaterial de povos e comunidades tradicionais. O GT discutirá as diversas possibilidades do uso do conceito de paisagem na antropologia, incluindo abordagens estéticas e processuais, dimensões visuais, sonoras ou táteis, e suas relações com outros conceitos antropológicos tais como território, terra, lugar, ambiente e patrimônio, e com os debates sobre o Antropoceno. São encorajadas experimentações etnográficas que se fazem em diálogos com outras disciplinas que se utilizam desta categoria, entre elas a geografia, a ecologia e as artes visuais.

Paisagem, memória e transformação a partir dos Hupdá'äh do alto rio Negro.

Autoria: Rafael Moreira Serra da Silva (Museu do Índio)

Com o propósito de oferecer uma explicação propedêutica acerca do quadro clínico da neurose obsessiva, Freud (1909 [2013], p.174-175) tomou certa vez como pano de fundo o urbanismo de Londres, as suas ruas e monumentos antigos, como recurso analítico. É como se o neurótico, sugeriu Freud ao público, passeasse pelas ruas londrinas revivendo memórias traumáticas por meio dos monumentos históricos erguidos na cidade. Sentindo grande pesar, o sujeito espreitaria a Charing Cross, construída em homenagem à falecida princesa Eleanor no século XII e o The Monument, que recorda o grande incêndio que apossou a cidade em chamas no século XVII. A doença manifestar-se-ia, assim, pela incapacidade de o sujeito esquecer-se completamente de eventos dolorosos, há muito tempo transcorridos, instalados no seu inconsciente. Fixados na paisagem, esses monumentos são como símbolos mnemônicos que se associam as lembranças aflitivas, repentinamente retomadas no presente a partir de acontecimentos específicos. Fazendo contraponto ao caso do neurótico, os mitos ameríndios parecem sugerir que os povos indígenas são obsedados acerca do conhecimento sobre o surgimento de animais, plantas, seres diversos e a humanidade em tempos longínquos, tema explorado com maestria na obra Mitológicas, de Lévi-Strauss. Há uma vasta produção etnológica desde as terras altas as terras baixas sul americanas que ilustra como a memória dos acontecimentos míticos e históricos dos indígenas estão inscritos em rochas, pedras, serras e paisagens



diversas ao longo do território (Santos-Granero, 1998; Cayón, 2008; Hugh-Jones; 2012; Ramos, 2018 entre outros). Renato Athias (2018) sugere chamá-los, na região do alto rio Negro, como lugares-monumentos. Sugiro explorar a partir de material etnográfico dos Hupd'äh do alto rio Negro, os espaços de memória na paisagem não como monumentos, no sentido de uma obra que permanece imóvel a observação do sujeito, do que como lugares de passagens portadores de agência humana e não-humana, com o potencial de impulsionar transformações perigosas, que escapam ao controle do sujeito. Ao contrário do neurótico freudiano, que adoce ao não sair de uma memória desperta pelos monumentos, para os Hupd'äh, aprender a reconhecer e a lembrar os eventos e seres associados a paisagens, é importante para evitar e curar doenças ou mesmo para irromper malefícios a outrem (Ramos, 2013, p.53). Em contrapartida, a hipótese que explorarei na exposição é que através do engano ou da equivocação, os Hupd'äh são levados a lugares-outros, passagens, perdendo-se na floresta, na cidade, longe do mundo ordinário habitado por eles, onde impõe-se a necessidade do retorno, com o propósito de evitar a captura ou predação pela perspectiva de seres que habitam espaços e tempos diferentes.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: